



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LIDIANE ALVES DA CUNHA

O LUGAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

**GUARABIRA - PB
2014**

LIDIANE ALVES DA CUNHA

O LUGAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Izandra Falcão Gomes

**GUARABIRA - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C9721 Cunha, Lidiane Alves da
O lugar da educação sexual no currículo do ensino médio
[manuscrito] : / Lidiane Alves Da Cunha. - 2014.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Izandra Falcão Gomes, Departamento de
Educação".

1. Educação Sexual. 2. Ensino Médio. 3. Currículo. I.
Título.

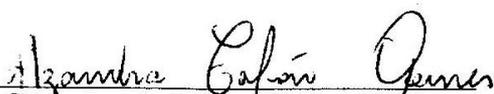
21. ed. CDD 370

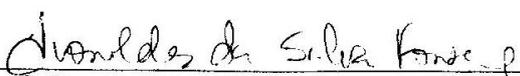
LIDIANE ALVES DA CUNHA

O LUGAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em: 11 / 07 / 2014.


Prof^ª. Ms. Izandra Falcão Gomes / UEPB
(Orientadora)


Prof^ª. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca / UEPB
(Examinadora)


Prof^ª. Ms. Emília Cristina F. de Barros / UEPB
(Examinadora)

O LUGAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

CUNHA, Lidiane Alves da¹

RESUMO

Este artigo que atende à atividade obrigatória de conclusão de curso tem como objetivo colaborar com o debate e efetividade de um Currículo escolar inclusivo cuja temática da Educação Sexual esteja presente. Esta pesquisa tem caráter documental, busca investigar como a disciplina de Educação Sexual está sendo efetivada na escola diante de seu currículo. Com isso, para sabermos se e como a temática é trabalhada contamos com a ajuda de diversos documentos tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI), e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB). Nossa investigação é baseada nos documentos citados e também no Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho. O artigo reúne conhecimentos em relação ao tema, obtidos na fundamentação teórica e nos documentos citados. Através destes analisa-se os conceitos e concepções manifestados a fim de avaliar o Projeto Político Pedagógico da escola – campo. A finalização desta investigação confirmou a secundarização do trabalho com a orientação sexual pelos professores e sua inserção no PPP reduz-se ao tratamento biológico das questões intrínsecas a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual. Currículo. Ensino Médio.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia na UEPB, Campus III. *E-mail:* liika_allves@hotmail.com.

1 O LUGAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA SOCIEDADE: elementos introdutórios

Sempre tive o desejo de conhecer mais a respeito do assunto em questão. Não sei ao certo o motivo que me instigou a pesquisar sobre o mesmo, mas algumas suspeitas apontam que possa ter sido pelo fato de que assim como acontece com outras pessoas o tema geralmente é tratado como tabu. Assim, a delimitação deste estudo também está associada ao aprofundamento da temática.

Para alguns, conversar sobre Educação Sexual em casa é embaraçoso, trabalhar esta temática na escola é mais do que complicado, certamente, pensar na possibilidade de ser efetivamente incluído como componente curricular não deve ser uma ação simples, visto que, como afirmamos acima, há questões que ultrapassam a normatividade das orientações legais da educação. Historicamente o assunto, ao ser tocado publicamente, causa desconforto para algumas pessoas. É justamente em função desse desconforto que acreditamos ser importante integrar o componente da Educação Sexual nas escolas e abrir espaços para que os autores escolares possam conhecer os conteúdos específicos e transpô-los para a vida, possibilitando aos jovens novos sentidos e significados.

Pesquisas bibliográficas relatam que diversas vezes na escola não encontramos espaço curricular para tratar o assunto em questão, e nas raras vezes em que o assunto é abordado, é restrito a aspectos biológicos e reprodutivos, trabalhados, geralmente, de forma técnica e limitada à memorização de conceitos.

Trabalhar com a temática na escola nas mais diferenciadas crenças, valores e pontos de vista existentes propicia que o jovem tenha a capacidade de refletir sobre a Educação Sexual na perspectiva científica onde elementos da biologia, da cultura, da religião e da política estão imbricados e, portanto, implicam em formas de manifestação da sexualidade humana. Tal perspectiva não pode ser confundida com os disciplinamentos estabelecidos no ambiente familiar; a este cabem ensinamentos embasados em certos valores particulares da cultura familiar.

É preciso esclarecer que tratar a Educação Sexual nas escolas não significa incentivar a vida sexual. A Educação Sexual ultrapassa o discurso de sexo, de ato sexual, gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis, inclui temas como afeto, autoestima, respeito e limites. Segundo Camargo e Ribeiro,

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa

aprender a estrutura dos genitais. Educação Sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.50).

Diante dos argumentos expostos, este artigo se propõe a colaborar com o debate sobre o Currículo do Ensino Médio buscando, a partir das análises, colaborar com o desenvolvimento de práticas docentes centralizadas na temática da Educação Sexual.

Neste sentido, este texto foi construído em 3 partes, sendo: a primeira parte dando ênfase à relevância da Educação Sexual no contexto curricular. A segunda parte ressaltando a Educação Sexual como componente do Currículo nacional. Na terceira parte abordamos a centralidade do currículo na sociedade contemporânea e, finalmente, a análise, onde buscamos estabelecer um diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, as orientações curriculares nacionais e as teorias referenciadas neste trabalho. Sequencialmente, apresentamos nossas considerações finais onde destacamos a importância da Educação Sexual ser inclusa efetivamente no Currículo Escolar.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO CURRICULAR

Um tema recorrente na juventude é a Educação Sexual. Ela que já despertou e desperta ainda hoje inúmeros sentimentos como curiosidades, medos, alegrias, angústias, desejos, frustrações, satisfações etc. Estes sentimentos, somados aos movimentos contemporâneos, onde presenciamos uma juventude arrojada movida pela liberdade de se mover em espaços sem fronteiras facilitados pelas tecnologias e pelas relações presenciais e virtuais, fazem emergir a urgência deste debate e da ênfase na formação escolar da juventude.

É possível verificar no comportamento das pessoas deste século, avanços nas formas relacionais e na abertura para o diálogo com algumas temáticas – caso, por exemplo, daquelas relacionadas à sexualidade. Concomitantemente ainda há certo receio em tratar de tal temática, repetindo um comportamento de gerações anteriores a esta.

De fato, em décadas passadas, falar sobre Educação Sexual era motivo de repreensão onde quer que fosse. Não se era permitido tocar no assunto em casa e muito menos na escola. Segundo o PCNs (1997), foi a partir da década de 1970 – com a movimentação dos teóricos críticos e seus questionamentos a sociedade e a escola - que o assunto passou a ganhar mais

força nas Universidades e dos estudiosos da área, por acreditar que essa questão era importante para que os indivíduos libertassem seus corpos.

Conforme assinalamos, apesar de ser verificado certo avanço no debate público de alguns temas a Educação Sexual ainda encontra obstáculos na abordagem, ainda considera-se tabu para a maioria das pessoas. Para que essa temática possa ser tratada de maneira qualificada no cotidiano dos jovens, é necessário que além de diálogos entre pais e filhos, seja realizada também a inclusão efetiva da temática no currículo escolar.

A escola é o lugar comum dos jovens que estão em faixa etária escolar e nela passam pelo menos quatro horas diárias em atividades pedagógicas. Certamente haverá muitas manifestações dos jovens, inclusive a observação do/a outro/a, dos desejos e suas reações orgânicas. Ao ir para a escola, os jovens de alguma maneira liberam essas manifestações que seus corpos produzem, pegando os professores desprevenidos em relação ao assunto, o que não deveria ocorrer; afinal, os profissionais da educação deveriam estar preparados para agir pedagogicamente a qualquer contratempo que, por ventura, venha a ocorrer.

Segundo o PCNs (1997), reproduzindo um comportamento de professores de décadas anteriores há profissionais da educação que ainda tendem a ocultar, reprimir ou simplesmente ignorar as manifestações realizadas pelos jovens na escola, fazendo acreditar que a temática deveria ser exercida e dialogada pelos familiares em casa.

Ainda de acordo com os Parâmetros citados o corpo se manifesta sexualmente do dia do nascimento e se estende até a morte. Conforme vamos crescendo, o corpo também vai amadurecendo, desenvolvendo-se e assim as manifestações inerentes ao processo de desenvolvimento vão fisiologicamente ocorrendo. Com isso, conforme os jovens vão se descobrindo, as necessidades e curiosidades sobre temas diversos, inclusive o tema da Educação Sexual, também tendem a avançar.

2 AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS: o lugar da educação sexual

Sabemos que para incluir a Educação Sexual no cotidiano dos jovens, precisamos repensar o Currículo que é inserido nas escolas. Diante disso, Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo* nos passa uma ideia de como esse Currículo pode ser:

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O

currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2010, p. 150).

Diante de todas essas informações que o autor nos relata a respeito do Currículo, ele também nos revela que ao introduzir a Educação Sexual na mesma, estamos construindo identidades tanto sociais quanto culturais.

Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é, tal como a identidade de gênero, uma construção social e cultural (SILVA, 2010, p.106).

Segundo informações publicadas nos PCNs (1997), a Educação Sexual é um processo tão importante para os jovens de hoje, que os pais estão se integrando com a escola para que o assunto em questão seja abordado da melhor maneira. De acordo com o PCNs,

A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa (BRASIL, 1997,p.111).

Diante dessa informação, podemos perceber que a relevância desse componente curricular em meio à sociedade em que vivemos hoje é tão grande que até os pais já sentem a necessidade de inseri-lo no cotidiano escolar de seus filhos para que toda essa sexualidade que os cerca seja de melhor modo aproveitada.

Segundo o PCNs,

A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos (BRASIL, 1997,p. 112).

Pode-se inferir a partir da afirmação em destaque que, em decorrência das novas tecnologias comunicacionais, há muitas formas de a juventude ter acesso à informação e que estas podem estar permeadas de intenções pouco éticas. Assim como a televisão, a internet também é um meio de comunicação muito poderoso que transmite novelas, reportagens, propagandas, entretenimento e filmes na maioria das vezes erotizados por seus produtores.

As redes sociais apelam cada vez mais para esse tipo de conceito, gerando, entre os jovens, curiosidade e ansiedade em relação à sexualidade e com essas questões sendo apresentadas pelos jovens diariamente dentro da escola, cabe à mesma desempenhar ação crítica, reflexiva e educativa para que os mesmos se posicionem de maneira positiva à mercê do assunto.

Algumas escolas, já atentas ao problema, se esforçam em contratar serviços de orientação sexual com profissionais preparados para tal. Mas, quase sempre, essas atuações são pontuais, o que, certamente, alcança um grau de êxito que, aos poucos, vai se diluindo e se perdendo no tempo, por não se constituir em um processo. Os profissionais da área sabem que apenas um trabalho que tenha continuidade pode ter resultados efetivos (SAYÃO, 1997, p.101).

Conforme assinala a autora todo trabalho precisa de prosseguimento e no caso do trabalho pedagógico essa condição garantirá a internalização de algumas aprendizagens que repercutirão incisivamente no comportamento dos sujeitos. Geralmente, não é isso que acontece, o que se verifica no ambiente escolar é pouco espaço ou um espaço para um debate ainda confuso, inseguro e com pouco sentido para as juventudes.

Baseada na literatura específica vale lembrar que inúmeros profissionais das escolas se sentem desconfortáveis em passar esse tipo de conhecimento para os seus alunos, primeiro por terem internalizado o ensinamento de que falar sobre a sexualidade é algo imoral e vulgar e segundo por não terem recebido dos organismos formadores orientação adequada para a abordagem qualificada do tema.

Como já mencionado, trabalhar Educação Sexual não é apenas falar de sexo, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada na adolescência. Educação Sexual também é transmissão de carinho, afeto, respeito em relação a si e ao próximo, tolerância, prevenção e, sem dúvida alguma, conhecimento.

O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas, mas também preventivas. A escola deve, então, atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região (BRASIL, 1997, p. 141).

Conhecimentos amplos inseridos na grande temática da Educação Sexual deveriam ser traduzidos para o cotidiano escolar, permitindo aos jovens uma visão positiva a respeito da sexualidade, favorecendo a compreensão corporal e o respeito com seu corpo e com o outro.

3 A CENTRALIDADE DO CURRÍCULO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: educação sexual e juventude

Na sociedade contemporânea é visível o apelo ao mercado e à comercialização das coisas e das pessoas. Damo-nos conta que alguns produtos mercadorizados apelam ao sexo, seja em comerciais de TV, em propagandas de marca de roupas, em programas de rádio, filmes, e também, mas não menos importante, em redes sociais na internet. Mas, será que esse comportamento, todo esse apelo em relação à sexualidade diante nossos jovens foi sempre assim? De certa forma, podemos dizer que não. Essa temática já vem se prolongando há uns duzentos anos e segundo Guacira (2009, p. 30), “é claro que, antes disso, também se viviam os prazeres do amor e do sexo, mas falava-se então, na “carne”, nas paixões, nos desejos do corpo. Ainda não se havia nomeado esse espaço da experiência humana como sexualidade”.

Foi a partir de 1870 que a sexualidade começou a ser motivo de pesquisa para a Lei, a Medicina, a Religião e o Estado. Já no final do século XIX nascia uma nova matéria: a sexologia, cujos pensadores, médicos, moralistas e filósofos eram os que faziam anúncios e descobrimentos em relação à sexualidade. Eram os mesmos que estabeleciam o certo e o errado, classificavam os sujeitos, as práticas sexuais e, desse modo, as pessoas levavam seus conceitos para o lado da verdade sem se importar com sua própria opinião.

De acordo com Suplicy (1991), a discussão sobre a sexualidade se transformou tão rapidamente, nos últimos anos, que deixou os pais meio perdidos. No princípio, as famílias não tinham incertezas em saber o que era certo ou errado, o que era permitido ou não. Hoje vivemos um período difícil para a elaboração de um sistema de valores sexuais.

Segundo Engels (1982), no início da história antiga, as práticas sexuais eram consideradas livres entre ambos os sexos. Os filhos procediam de uma mesma linhagem materna, pois, de certeza só se conheciam as mães. Com a passagem do tempo, o exercício sexual passou a ser praticado apenas por um casal. Com isso a família passou a ser estruturada com base no sistema patriarcal, onde o casal era monogâmico e os filhos passavam a ter também uma linhagem paterna.

Diante desse planejamento familiar, onde ficava a sexualidade dos jovens? Simplesmente em lugar nenhum, pois, não era trabalhada essa questão com os mesmos. Desde cedo, tanto rapazes quanto moças eram apresentadas às suas funções. As moças quando se casavam, ficavam à mercê de seus maridos, sendo fiéis no casamento, para satisfazê-los sexualmente quando eles bem quisessem para fins reprodutivos e quando tinham filhas, esses

ensinamentos eram repassados a elas conforme foi para sua mãe. Já com os rapazes, não era bem isso que acontecia, já que podiam ter relações sexuais em busca do prazer fora do casamento.

Mas, e hoje? O que é necessário trabalhar com os jovens de hoje sobre a sexualidade? Segundo Osório (1992), a fase da adolescência é uma fase da vida na qual o caráter está em etapa final de sua construção e a sexualidade faz parte desse processo principalmente como um elemento estruturador da identidade do jovem. Diante disso, fica mais do que provado que é indispensável incluir a Educação Sexual em meio aos jovens, sobretudo na escola onde a temática esta legislada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

No Brasil, a inclusão do tema da Educação Sexual veio ser consolidada com a Lei 9.394/96. Esta lei visa estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional que têm como objetivo reelaborar o sistema educacional brasileiro em todas as modalidades de ensino. Posteriormente, foi inserido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) e atualmente a temática foi reforçada no Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI). De acordo com o PCNs,

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 1997, p. 107).

Diante de tais informações, evidenciamos que a Educação Sexual é idealizada como algo inseparável à saúde e à vida e que é manifestada desde o nascimento do indivíduo e se estende até sua morte. A mesma deve ser trabalhada de maneira eficaz, a fim de que a juventude encontre lugar em seu ambiente escolar com formação e informação em ligação aos assuntos relevantes na ocasião e às questões que o ambiente aplica.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM, 1998) a questão da Educação Sexual com os jovens em ambiente escolar não é nada fácil. Principalmente se nesse ambiente não estiver incluso em seu currículo essa temática que é mais que relevante na vida dos adolescentes que estão a um passo da idade adulta precisando tirar suas dúvidas. Então, para que tenhamos certeza que ter educação de qualidade é um direito de todos, precisamos confirmar essas informações. E para isso, contamos com a ajuda das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB). Segundo o DCNEB,

É preciso oferecer aos nossos jovens novas perspectivas culturais para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos, sem perder de vista que a educação também é, em grande medida, uma chave para o exercício dos demais direitos sociais (BRASIL, 2013a, p.145).

A absorção dos conhecimentos sexuais educativos tem significados variados e seu entendimento vai depender da realidade de cada aluno. Inúmeros movimentos caminham na direção de que a escola necessita ser reconsiderada para informar sobre as perguntas instigadas pelos jovens. Diante disso, cabe à unidade escolar se adaptar da melhor forma possível para que os alunos consigam suprir essa falta de informação, como: replanejamento do currículo escolar e organização de diretrizes para essa etapa de ensino.

Sabemos que a Educação Sexual é um fator essencial tanto para a vida pessoal como na vida profissional dos jovens. No entanto, segundo estudos feitos, essa mesma Educação não é passada para os mesmos de forma ampla e competente. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) nos relatam que a Educação Sexual é, também, parte importante do processo ensino-aprendizagem dos jovens.

O Parecer CNE/CEB nº 5/2011 que fundamenta essas diretrizes reconhece a educação como parte fundamental dos Direitos Humanos. Nesse sentido, chama a atenção para a necessidade de se implantar processos educacionais que promovam a cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o reconhecimento e a valorização da diversidade étnica e cultural, de identidade de gênero, de orientação sexual, religiosa, dentre outras, enquanto formas de combate ao preconceito e à discriminação. (BRASIL, 2013a, p. 521).

Nos últimos anos tem se acompanhado um aumento no método de fortalecimento dos Direitos Humanos da Educação no país. Com isso, foi aceita uma sequência de ensinamentos que tem como objetivo o avanço e o auxílio de crianças e adolescentes, a Educação Ambiental, a Educação do Campo, assim como também a Educação Sexual.

As políticas educacionais encaminharam um programa indutor do horário integral no Ensino Médio conhecido com Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI). Esse programa induz a ampliação curricular, prevendo, para o contraturno, componentes curriculares diversificados que se compatibilizem com as necessidades das juventudes.

Na Paraíba o PROEMI se apresenta com o interesse de provocar a discussão em relação ao Ensino Médio através de programas inovadores que ajudam de modo positivo os jovens. Ao se tratar de Educação Sexual, o PROEMI nos relata que quando os profissionais

da educação inserem a Educação Sexual no ambiente escolar, promovem nos jovens a consciência de si como do próximo e, também, aceitam como lícito o direito ao prazer. Além disso, favorecem as crianças e jovens situações melhores de adquirirem sua felicidade e praticarem a cidadania de maneira qualificada.

Conforme o PROEMI, a atuação nesse campo de trabalho requer que o profissional da educação ofereça aos alunos ações pedagógicas que sejam capazes de produzir o progresso do conhecimento do movimento e do corpo, assim como também o entendimento da ligação entre a pessoa, o próximo e o mundo da mesma forma que as emoções e o corpo, tratando igualmente a relevância de postura sustentável e saudável como modo de abranger o entendimento do indivíduo em relação a si mesmo e a seu espaço no mundo.

Desse modo, fica mais do que claro que a Educação Sexual é amplamente diversificada em termos de utilização e de aprendizagem e que ao ser trabalhada em unidades escolares, tanto alunos como professores só tendem a ganhar. Um por ser o mediador de tal conhecimento que tanto frustra os jovens e o outro por tirar dúvidas à mercê de conteúdos que por incrível que pareça, no mundo moderno em que vivemos, ainda são tratados como assunto proibido.

4 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, localizada na cidade de Guarabira, Paraíba, foi construída por Edgard Júlio Pessoa da Silva em 1962. No início, a escola funcionou, por algum tempo, apenas com o curso ginásial na edificação da Escola Técnica de Comércio.

Posteriormente, foi estruturado um prédio pelo, então na época governador da Paraíba, Pedro Moreira Gondim, cujo prédio hoje é ocupado pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Tarcísio de Miranda Burity.

Com o acréscimo de alunos, em 12 de dezembro de 1971, o antigo prédio precisou ser modificado. Com isso, foram abertas as novas instalações do Colégio Estadual Prof. José Soares de Carvalho, apresentando o professor Edgard Júlio como seu gestor. Em 15 de agosto de 1986, o mesmo veio a falecer, assumindo, assim, seu cargo a professora Maria do Socorro

Pereira. Ao longo dos anos, passaram muitas pessoas pelo cargo de gestor/a e atualmente quem desempenha esse papel é Alcineide Evaristo de Sousa.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho é um estabelecimento público de médio porte, no qual estão incluídas 19 salas de aula identificadas entre os dois planos térreos que demarcam a escola. A mesma trabalha com uma clientela muito grande.

Quadro 1 - Quantidade de alunos da escola

Nível de Ensino:	Quantidade de Alunos:
Ensino Fundamental	627
Ensino Médio	831
Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental	115
Educação de Jovens e Adultos – Ensino Médio	114
Total	1.687

Fonte: Projeto Político-Pedagógico da EEEFM Prof. José Soares de Carvalho.

Porém, vamos focar nos jovens, analisando tanto os alunos como o Projeto Político-Pedagógico do Ensino Médio dessa escola. De acordo como mesmo, o Ensino Médio tem por objetivo desenvolver a educação aprofundando as experiências absorvidas pelos jovens no Ensino Fundamental levando em consideração sua possível habilidade de articulação e de problematização conduzindo, dessa maneira, os alunos a serem incluídos no Ensino Superior.

4.2 O CURRÍCULO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROF. JOSÉ SOARES DE CARVALHO: o projeto político-pedagógico

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola teve início em 2007 e foi organizado a partir da interação grupal dos profissionais da educação a fim de elaborar a identidade da instituição de ensino. O referido documento traz consigo seu fundamental alvo: a mudança dos jovens em formadores de saberes e a mudança do ambiente escolar em lugares de aprendizagem. O projeto conta com inúmeros componentes curriculares importantes para a vida pessoal e profissional de cada estudante, a exemplos disso temos: Português, Matemática, História, Geografia, entre outras. No entanto, onde está inserido o componente curricular sobre a Educação Sexual?

A Educação Sexual aparece parcialmente em alguns componentes. A temática em questão manifesta-se muito superficialmente em algumas matérias como Educação Física e

Biologia. Para melhor organização da análise trabalharemos o Projeto Político-Pedagógico sobre a Educação Física e logo após, o de Biologia.

O PPP apresenta como objetivo geral da disciplina de Educação Física:

Colocar o educando em contato com a cultura corporal de movimentos, na perspectiva de formar o cidadão que irá produzi-la, e transformá-la, sendo capaz de usufruir de seus conteúdos – os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas – em benefício de exercício de cidadania.

Conhecimento do Corpo (esquema corporal, noção de espaço e tempo, conscientização corporal, relação do corpo com o meio ambiente e outros). Corpo-Linguagem/Corpo-Expressão (dança, dramatização, manifestação e prática cultural, capoeira, ginástica geral escolar, ritmo e outros) (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO. 2013, p. 52).

Com isso, a escola procura trabalhar com diversas “Estratégias-Ações” que podemos dizer que são os objetivos específicos de cada matéria. No caso da Educação Física, essas tais “Estratégias-Ações” buscam:

- Conhecer o próprio corpo em seu aspecto físico, cognitivo, afetivo e emocional em suas múltiplas determinações econômicas, culturais e sociais;
- Perceber o corpo como meio de relação e interação consigo e com o outro, bem como meio de linguagem e expressão (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO, 2013, p. 53).

Diante dessas informações, podemos perceber que a Educação Física em si trabalha com a questão corporal (danças, esportes, dramatizações etc.), o que por sinal é um ponto positivo para o projeto, porém, não podemos dizer que essas manifestações são desempenhadas com o foco voltado para o tema da Educação Sexual.

À medida que vamos analisando tanto o PCN como também o PROEMI, podemos perceber que ambos os documentos defendem o conceito para que a Educação Sexual seja de fato efetivada no Currículo Escolar. Nos mesmos também consta o entendimento da ligação tanto com o corpo e com as emoções do si e do próximo como meio de aprendizagem. Analisando também o Projeto Político-Pedagógico da Escola, verificamos que a mesma tem essa preocupação de trabalhar com os jovens no ambiente escolar de modo que com que eles aprendam sobre seu corpo e suas emoções. Porém, por que essa temática é trabalhada nas disciplinas de Educação Física, Biologia ou Ciências e não em um efetivado Componente Curricular da Educação Sexual?

Sobre o Projeto Político-Pedagógico do Ensino Médio referente à disciplina de Biologia, o mesmo nos relata que seu objetivo é:

Conhecer o ambiente em sua complexidade e reconhecer-se como parte desse mecanismo. Interpretar os fenômenos que estão diretamente relacionados consigo, como os que ocorrem com o corpo humano. Acompanhar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e perceber as implicações que trazem para a sociedade e para o diaadia (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO, 2013, p. 54).

Entender de que forma o corpo humano funciona é basicamente trabalhar com os aspectos biológicos do corpo. Saber como o nosso corpo trabalha é importante e faz parte sim de uma Educação Sexual saudável, porém, Educação Sexual não pode se restringir a estas temáticas. É transpor e relacionar com o cotidiano desses jovens e promover o diálogo sobre questões relacionadas ao prazer, à responsabilidade com o corpo, o respeito com o outro, também transmissão de carinho, confiança e respeito. Se de maneira muito mínima o conteúdo é manifestado em ambiente escolar nas temáticas da Educação Física e de Biologia, por que o mesmo não possui um componente curricular próprio, para que os jovens possam trabalhar a temática de forma ampla, tirar suas dúvidas e construir saberes?

Na justificativa do Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho traz o seguinte relato:

Com relação às perspectivas dos educandos e seus projetos de vida, o projeto político-pedagógico poderá colaborar para que os mesmos ampliem seus conhecimentos de forma crítica, viabilizando a busca pelos direitos de melhoria de sua qualidade de vida (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO, 2013, p. 6).

Sabemos que todo Projeto Político-Pedagógico é construído a partir da colaboração entre gestores, funcionários da escola, professores, alunos, família e a sociedade em geral. Se a escola procura viabilizar melhor qualidade de vida para os jovens, por que a Educação Sexual não está inclusa em seu Currículo na forma como orienta a legislação brasileira? Essa questão nos faz pensar que não é dada a importância necessária para um assunto que merece toda nossa atenção.

Podemos presumir que se o tema não é está incluído no currículo materializado no PPP como conseguirá ser consolidado no currículo prático? Podemos supor que esta falta de relação entre escola, currículo, Educação Sexual e juventude tenha origens mais amplas e

enraizadas na cultura de cada região, na formação patriarcal das famílias, na falta de formação de professores qualificados e até mesmo na ausência de participação dos jovens na construção do currículo. Este estudo não consegue responder as questões assinaladas, situa a problemática, reforça a necessidade deste debate curricular, ancorado na ideia de que a Educação Sexual no currículo escolar precisa ser (re) pensado.

5 PONDERAÇÕES RELEVANTES

Nos dias atuais, com a globalização do mundo e com a modernidade que nos cerca, não podemos ignorar os acontecimentos que transitam em nosso meio e as formas como estes repercutem nas sociabilidades juvenis. Essas sociabilidades não são construídas apenas no núcleo familiar e na escola, mas em ambientes virtuais e mediados pelos meios de comunicação que, como registrado neste artigo, altera o debate da sexualidade para a comercialização dos corpos, erotização, descartabilidade, entre outros.

No propósito de atender e educar os jovens, a Educação Sexual mostra-se relevante na família desde o dia de seu nascimento. Porém, não é sempre que a mesma alcança satisfatoriamente atender seu papel e termina passando essa tarefa ao ambiente em que seus filhos passam a maior parte do tempo: a escola. Temos conhecimento que tanto a família como a escola têm funções complementares na educação juvenil e que a escola, assim como a família, também encara obstáculos em atender seu papel na Educação Sexual de seu corpo discente.

Diante disso, em razão do tempo que os jovens passam em ambiente escolar, a Educação Sexual é uma questão que merece mais destaque no cenário da educação brasileira, porque em seu conteúdo contém compromisso, responsabilidade e liberdade com os conhecimentos realizados como ferramentas para que nossos jovens possam levar em consideração suas decisões e formar opiniões mais apropriadas.

Ao inserir a Educação Sexual no currículo - mesmo que transversalmente - da escola, estamos garantindo que a mesma seja refletida, debatida para além dos conceitos trabalhados na família, na sociedade, especialmente pela mídia. Agindo desse modo, a escola irá preencher lacunas, tornar o tema mais acessível e natural de ser dialogado. A urgência de um currículo cuja Educação Sexual esteja efetivamente incluída estabelece um diálogo formativo responsável entre escola, família, sociedade e alunos.

ABSTRACT

This article addresses the obligatory course completion activity aims to collaborate with the debate and effectiveness of an inclusive school curriculum with themes of sexual education to be present. Our research investigates how the discipline of Sexual Education is being effected at the school on its curriculum. Thus, to know whether and how the theme is crafted We count on the help of various documents such as the National Curricular Parameters (PCN), the Eastern Innovative Education Program (promi), and the National Basic Education Curriculum Guidelines (DCNEB) . Our investigation is based on documents cited and also in the political-pedagogical project of the State School of Elementary and Secondary Education Prof. José Soares de Carvalho. It is necessary that both the family and education professionals understand that working such a delicate subject like sexual education in schools is not easy to try and ignore this event happens with young people only contribute for harm formation of their knowledge and concepts. In this way, this article aims to show and analyze the concepts expressed in the documents in order to contribute to the implementation of sex education in the school curriculum.

KEYWORDS: Sexual Education. Curriculum. High School.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013a.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: DOU, 21 dez. 1996.

_____. MEC. **Programa Ensino Médio Inovador** – Documento Orientador. 2013b. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade (s) e Infância (s): A sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução Leandro Konder. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROF. JOSÉ SOARES DE CARVALHO. **Projeto Político Pedagógico**. Guarabira, 2013. Mimeografado.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OSÓRIO, L. C. **Adolescentes hoje**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo: Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.